

A IMAGINAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO MITO DOS AMORES DE D. PEDRO E D. INÊS DE CASTRO

Leandro de Sousa Almeida ¹

Valéria Andrade ²

Marcelo Alves de Barros ³

A História, deve-se lembrar, é uma reconstrução imaginária do passado feita no presente.

Hilario Franco Júnior

RESUMO

Esse capítulo apresenta uma análise do fenômeno crescente e atual de constituição do mito inesiano, indicando alguns possíveis elementos impulsionadores da interpretação da história mítica de D. Inês de Castro a partir da concepção categoricamente defendida pela crítica cultural e literária portuguesa, relativa à figura emblemática da rainha coroada postumamente na passagem da esfera histórica para a mítica. Esse estudo aponta como recurso potencial da condução da passagem e legitimação da mitologia, a *imaginação* criadora, em razão de que poetas europeus, desde o século XVI, mimetiz(ar)am o trágico e romântico episódio inesiano nos muitos dizeres do fato histórico em formas artísticas e estéticas, as quais imortalizaram sentimentos e memórias de um reinado medieval. Como resultado principal, este trabalho aponta para uma perspectiva positiva dos avanços do ato de imaginar e da literatura para ciberliteratura como os fatores catalizadores de uma transformação social impulsionada pela abordagem LerAto e pelo jogo sério Inês & Nós de incorporação na educação do fenômeno de reinvenção do mito inesiano.

Palavras-chave: Inês de Castro, Imaginação, Mito, LerAto, Inês & Nós.

1. Imaginação e(m) crítica

Por meio de imaginação criadora, os poetas europeus, desde o século XVI, mimetiz(ar)am o trágico e romântico episódio inesiano nos muitos dizeres do fato histórico em formas artísticas e estéticas, as quais imortalizaram sentimentos e memórias de um reinado medieval. No triunfo da fantasia a qual cercara a figura de D. Inês de

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, leandro_almeida_15@hotmail.com;

² Pós-Doutora em Letras pela Universidade do Porto – U. Porto/Portugal, Val.andradepb@gmail.com;

³ Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento pela Ecole Doctorale d'Informatique, Télécommunications et Électronique – ENST/França, mbarros@computacao.ufcg.edu.br;

Castro⁴, tais poetas, livres para fantasiar ao infinito e inventar todas as possíveis satisfações e necessidades sobre seu tempo, espaço e acontecimentos, extrapolaram os limites da historicidade factual e se permitiram a aventura de inventar intervindo no escopo narrativo, quem sabe afim de serem compensados em razão da memória sanguínea e condóida do episódio, quem sabe na esperança de tornar imortal o amor infinito dos amantes pelo poder da palavra, bem como da cor, da forma, do som etc., criando novas dimensões para a compreensão do fato, conduzidos pela *imaginação*. Desse modo, sabe-se que “pouco sobrou de uma possível história, obliterada pelo insidioso movimento pelo qual algo alheio à objetiva vontade dos fatos se infiltrou neles redistribuindo-os nos quadrantes do imaginário” (HOSAKABE, 1998, p. 116).

Essa próspera fortuna artística, em especial, literária, portanto, é resultado de processos imaginativos atrelados às hipóteses e possíveis respostas à esfinge irresolúvel e nebulosa que se constitui há mais de seis séculos a mito-história dos amores dos nobres portugueses D. Pedro e D. Inês de Castro. Sendo assim, concebe-se que houve transformação na história, concernente aos acontecimentos e eventualidades enquanto possibilidade fabulativa de atualização e ampliação da narrativa protagonizada pelos poetas/artistas europeus. Como frisou o crítico Gondin da Fonseca (1956), seis séculos de nevoeiro e de fantasia obscurece(ra)m a verdade histórica, pelo que dizem os poetas, dramaturgos e historiadores imaginosos, cuja proeza foi reinventar a história de Inês de Castro, tornando-a um artefato atemporal impregnado no papel, na tela, no som, nas formas e até na memória, visto que transpuseram sua rainha da condição de morte à além-vida, isto é, uma transposição para a dimensão lendária e imorredoura.

Em acordo com essa discussão, Franco Júnior (1998) afirma que tanto o historiador quanto o literato filtram e reconstruem o real em suas obras, isto é, nas suas criações imaginárias que, devolvidas ao real, modificaram-no, pelo que tal modificação, em alusão ao mito inesiano, se torna uma chave de interpretação. Portanto, acrescenta:

Por isso mesmo não se pode mais aceitar a velha definição de “fato histórico”, que criava uma separação artificial entre verdade e ficção, entre História e Literatura. Não se deve buscar a quimera da “realidade” do fato, e sim a única realidade historicamente significativa, a visão que uma época tem de um evento, concreto ou **imaginado** (FRANCO JÚNIOR, 1998, p. 276, grifo nosso).

⁴ A história mítica de D. Inês de Castro faz parte do corpus da pesquisa em desenvolvimento no âmbito do mestrado, intitulada “Inês & Nós: uma aplicação do Método LerAto na formação de uma Comunidade Ativa de Professores Leitores pela mediação do mito de Inês de Castro”.

Tendo por base a visão imaginária de uma época, verdade e ficção se imbricam no imaginário de quem reconta o episódio, cujas destrezas recriam o episódio, devolvendo-o modificado. Desta feita, parte-se do princípio de que a *imaginação* é a fonte de todo pensamento crítico e criativo que nutre, no caso em estudo, o mito e perpetua sua fabricação de sentidos.

É relevante pensar que uma razão pela qual muitas pessoas não constroem para si melhores condições alternativas de vida nas diversas áreas da vida social, isto é, na economia, na saúde, na família, na esfera profissional etc., é o fato de não terem desenvolvido sua *imaginação* criadora, isto é, suas habilidades de promover inovação e de empreender. Lembremos que grandes descobertas e invenções do mundo foram protagonizadas por pessoas engenhosas, mulheres e homens que, com seu “engenho e arte”, prestaram-se ao trabalho de estimular e aperfeiçoar tal capacidade e destreza. Figuras emblemáticas como Ada Lovelace, Frida Kahlo, Marie Curie, Vincent van Gogh, Albert Einstein, Steve Jobs etc., são exemplos monumentais de até onde a *imaginação* criativa pode chegar, sendo suas obras apreciadas e reconhecidas mundialmente pelas gerações posteriores. Pelo que se pode considerar, a prodigiosa evolução holística do ser humano dependeu justamente de sua própria capacidade e destreza imaginativo-criativa, por meio de agenciamentos e influências ambientais, genéticas, culturais, religiosas, estéticas etc., consagrando ao humano a condição elevada de ser criativo, capaz de transcriar e dar sentidos ao seu mundo.

É sabido que desde a infância o ser humano tem a vívida capacidade imaginativa de criar fantasias sobre o mundo e sobre si mesmo. Esse processo simbólico de aprendizagem experimental e construtor dos sentidos do mundo faz parte do período de maturação e desenvolvimento da personalidade da criança nos seus primeiros anos. No decorrer deste percurso, atravessando a fase da juventude, muitas crianças abandonam as fantasias e esse processo de representação simbólica torna-se algo a ser desenvolvido anos mais tarde, através de componentes sistematicamente formalizados no âmbito educacional, visto que se torna indispensável na formação humana. Além disso, ainda há a oferta da cultura de massa e do entretenimento na propagação e estímulo à fantasia e ficção por meio das mídias, na propagação massiva de produtos e artefatos estéticos, a exemplo do cinema, teatro, livros etc., que também colaboram na satisfação dessa necessidade por fabulação/ficção, que é inerente ao ser humano, pelo que o crítico brasileiro Antonio Candido (2011), no âmbito da literatura, toma-a por direito básico e

universal, concebida esta em sua dimensão de bem incompressível, ou seja, de que ninguém pode ser privado.

A partir da compreensão do conceito de *imaginação* em Corrêa (2000), portanto, é possível inferir que, para além de sua concepção derivada do latim *imaginatio*, isto é, como faculdade que permite ao ser humano criar imagens a partir da realidade, o autor aponta para o conceito de uma *imaginação* na perspectiva da filosofia e da psicanálise, capaz de produzir ideias e abstrações por meio da (in)consciência, sendo ela uma representação mental (cri)ativa. Neste sentido, além de se originar da experiência com o real, por meio da experiência sensorial, a *imaginação* permite criar novos objetos e imagens fundamentalmente fictícias e fantasiosas, isto é, que fogem das categorias verossímeis, até mesmo de representação.

Corrêa (2000) ainda problematiza que historicamente a *imaginação* foi superficialmente concebida em sua acepção atrelada ao subconsciente, por vezes associada ao devaneio, ao sonho, à ilusão, sendo estes elementos ainda mal compreendidos, ou seja, entendidos como menores, relativamente à razão científica suscetível à observação. Assim, perdura no discurso da ciência a ideia de que a *imaginação* não teria consistência concernente ao aspecto racional para ser considerada uma postulação sistematicamente crítica ou objeto de apreciação e observação científica.

Sendo assim, fazemos aqui alguns questionamentos: até onde é possível chegar a imaginação? O que é necessário fazer para determiná-la frente à crítica artístico-literária? Quais contribuições para sua compreensão são pertinentes em alusão ao mito português de D. Inês de Castro? Certamente que essas e tantas outras indagações possíveis nos levariam a uma dimensão abstrata, subjetiva e crítica para compreendê-las. Tão logo, a *imaginação* estaria presente durante todo o processo de construção de tais soluções.

Para tanto, não se analisa neste estudo uma obra literária específica, uma vez que utilizamos um corpus variado de obras representativas para a exploração de tais ideias, visto serem obras de significativa reverberação no contexto da literatura inspirada na história inesiana. Desse modo, é possível inferir que a *imaginação* opera como elemento de transformação e legitimação do episódio histórico para mítico e estético, bem como por meio dos artifícios e agenciamentos da produção artístico-literária ficcional, isto é, imaginativa e/ou fantasiosa.

2. Até ao fim do mundo: um conto de amor e morte

O amor de que falo aqui não é aquele apetite a que chamas de cio, que rapidamente cansa e desgosta, mas aquele amor eterno que, segundo Dante, move o Sol e as outras estrelas. Deixa, pois, leitor, a rabugice, e não temas em te embrenhar na leitura desta estória, que alguma coisa hás-de lucrar (FRANCO, 2003, p. 80)

No imaginário português contemporâneo ainda está viva a memória do caso que marca a história e a cultura de Portugal. Por isso, na leitura embrenhada dessa “estória”, assim como frisou o romancista António Cândido Franco, em *A Rainha Morta e o Rei Saudade* (2003), poderá lucrar o leitor, não só por se deixar conhecer tal episódio histórico, mas também por se descobrir nas façanhas dos amores de Pedro e Inês, visto que há mais de seis séculos cativam gerações.

Portanto, no mosteiro de Alcobaça, há dois luxuosos túmulos de pedra de calcário postos frente a frente. São os túmulos de D. Pedro, rei de Portugal, e de D. Inês de Castro, os mais conhecidos amantes portugueses do século XIV. Como consta na tradição da narrativa mito-histórica, D. Pedro, herdeiro do reino, se apaixonou por uma dama de companhia da sua esposa D. Constança Manuel, a galega D. Inês de Castro. Constança era filha de D. João Manuel de Castela, o qual era príncipe de Vilhena e Escalona, duque de Penafiel e tutor de Afonso XI de Castela. Inês, por sua vez, era uma mulher lindíssima, pelo que segundo a *imaginação* dos exagerados poetas, tinha olhos de esmeralda e cabelos dourados. Inês de Castro fica conhecida por sua beleza, valendo-se do codinome “Colo de Garça”, por assemelhar-se a tal ave de beleza deslumbrante, de postura elegante e pescoço esguio, tal como destacou Maria Emilia Toledo (2008), crítica de literatura portuguesa, em especial da temática inesiana:

Aliada à beleza, Inês ainda ostentava extrema elegância, o que lhe valeu o cognome de “colo de garça”. Esses atributos todos despertaram no príncipe uma arrebatadora paixão. Pedro passou, então, a manter com ela um romance, que perdurou por dez anos após a morte de D. Constança” (TOLEDO, 2008, p. 117-118, grifo nosso).

A bela Inês de Castro era filha de D. Pedro Fernandes de Castro, mordomo-mor do rei D. Afonso XI de Castela, com a dama portuguesa Aldonça Lourenço de Valadares. Para tanto, tal mancebia entre Pedro e Inês era mal concebida pela corte portuguesa, a qual tinha medo que o futuro rei de Portugal ascendesse a família castelhana de Inês, visto que seu pai era um dos fidalgos mais poderosos do reino de Castela, bem como seus irmãos, D. Fernando de Castro e D. Álvaro Perez de Castro, os quais eram influentes na corte castelhana, além de terem a prestigiosa amizade do príncipe D. Pedro. Desse modo,

a “Castro” representava, para o então rei D. Afonso IV (antepenúltimo rei da dinastia de Borgonha), ameaça à corte portuguesa, isto é, um stratagema arquitetado por Castela para tomada do reino. Na acepção de Toledo (2008):

Os amores de Pedro e Inês, a essa altura, transcendiam a simples escândalo familiar para constituir um iminente perigo para a estabilidade do Reino. Temia o rei pela sorte de seu neto legítimo D. Fernando, herdeiro do trono, por morte de D. Pedro, **temor que advinha do crescente domínio dos Castros** sobre o ânimo do príncipe. Intriguistas e megalômanos poderiam induzir o Infante a um mau reinado e, sem escrúpulos, se desfariam do frágil Fernando, para que um de seus sobrinhos, filhos de Inês, assumisse o trono português (TOLEDO, 2008, p. 119, grifo nosso).

Ciente da iminente atração dos amantes, estrategicamente, D. Constança convida D. Inês de Castro para ser madrinha do infante D. Luís, fruto de seu casamento com o príncipe, pois era sabedora de que esse vínculo sagrado os tornaria imprudentes diante das leis de Deus e da igreja. No entanto, o infante morre com poucos dias de nascido, rompendo, portanto, os laços de parentesco religioso entre D. Pedro e D. Inês de Castro, o que enfraquece os esforços da legítima esposa, inclusive, a deixando debilitada em saúde.

Intervindo contra o perigoso romance, o rei exila D. Inês de Castro no castelo de Albuquerque, na fronteira castelhana, lugar onde passa a ser criada por sua tia, D. Teresa, em 1344. Ao que se sabe, os amores de Pedro e Inês puderam vencer a distância, não sendo essa um impedimento para o crescimento da poderosa paixão dos amantes. Em decorrência do contexto, D. Constança morre por razões de doença e camarço pela traição, em 1345, o que coadjuvou para que D. Pedro pudesse viver com D. Inês de Castro. Sendo o príncipe livre de seus múnus matrimoniais e votos religiosos frente às delegações do casamento, os amantes se veem absolvidos da culpa, cuja ilibação exacerba ainda mais sua flama paixão, o que resultada no nascimento de quatro infantes: Afonso, que morreu em 1346 ulteriormente ao nascer; João, nascido em 1349; Dinis, em 1354 e Beatriz, em 1347, causando demasiada consternação ao monarca D. Afonso IV.

Com toda sua cólera canalizada na “Castro”, em 7 de janeiro de 1355, valendo-se da ausência do príncipe D. Pedro, que tinha o cacoete campestre de caçar, o monarca D. Afonso IV, sob a persuasão de seus três fidalgos conselheiros, ordena a execução de D. Inês de Castro, sob a alegação de alta traição à nação e à corte portuguesa. Sendo assim, “foi degolada pela garganta, pormenor que assinala uma execução em tudo conforme aos costumes da época, pois essa era a forma honrosa das execuções capitais, e como tal

reservada aos membros da nobreza” (GIL, 1975, p. 15-16). A romancista portuguesa Seomara da Veiga Ferreira, em seu romance histórico *Inês de Castro: A Estalagem dos Assombros* (2006) detalha a tragédia:

E ela lutou, Dona Doce, lutou desesperadamente. Arranhou-os, mordeu-os, defendeu-se como pôde, chorando, um choro prolongado quase animal, sentido, já sem a força do terror, como sucede com os animais que a caça abate e desfalecem antes do minuto final. Eles empurraram-na e ela, deseparada, começou a tombar. Nesse momento, como um raio, o algoz deu um passo, fazendo encolher acima do joelho o curto saio de cabedal de seu vestido, e **cortou-lhe a cabeça com a afiada espada, num só golpe, de lado, do lado direito**. Ela ainda tentou proteger a face com a mão direita que ficou também decepada. A cabeça de lindos cabelos cor do Sol caiu de pé, como por milagre de equilíbrio, sobre o pescoço de onde brotava um caldal quente, espumoso e vermelho (FERREIRA, 2006, p. 86, grifo nosso).

O cruel episódio se passou onde residia, em Santa Clara, em Coimbra, lugar posteriormente conhecido como *Quinta das Lágrimas*, onde estivera na companhia de seus infantes. A criatividade protagonizada pela *imaginação* dos poetas medievais tornou “floreada⁵” a história, ao dizer que as ninfas do Mondego (rio de Portugal, lugar onde se encontravam os amantes e lar da segunda família de D. Pedro) se encarregaram de chorar a morte e a memória daquela que fora a deusa daquele rio de lágrimas eternas que, misturadas ao seu sangue escorrido na fonte (*Fonte dos Amores*), perpetuam a memória do infortúnio pela ornamentação das mágicas algas carmesins. Sobre isso, a *imaginação* do poeta Luís de Camões elucida sua fantasiosa versão, a qual se consagrou na memória de Portugal no Canto III de *Os Lusíadas*:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo **chorando** memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As **lágrimas** choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que ainda dura,
Dos amores de Inês, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que **lágrimas são a água** e nome Amores (CAMÕES, 2002, p.51, grifo
nosso).

Este crime imperdoável provoca a revolta do príncipe contra o seu pai e se inicia uma guerra civil entre pai e filho, tendo o príncipe apoio dos irmãos de Inês de Castro e

⁵Termo utilizado pelo poeta brasileiro Fábio Sombra, em *A história de Inês de Castro ou dama lourinha que, depois de morta, virou rainha* (2011), designando, portanto, a possibilidade de ampliação do fato histórico através das fantasias criadas pela *imaginação* dos poetas.

outros soldados galegos. Nesse sentido, o historiador português A. Pedro Gil (1975) afirma que:

Quando o infante D. Pedro teve conhecimento da morte de D. Inês de Castro, a sua indignação não teve limites. Sem demora, **disposto a abrir guerra civil, levantou uma hoste**, se é que se pode dar esse nome a uma estranha mescla em que havia de tudo: soldados galegos trazidos pelos irmãos de Inês de Castro, homens-de-armas dos seus partidários portugueses, e até malfeitores que se lhe ofereceram na esperança de benefício. O infante concentrou essas forças ao norte do Douro, região onde ficavam situadas as terras dos principais conselheiros do pai, e passou a assolá-las, feito que veio pôr cerco ao Porto, na intenção de fazer dessa cidade centro da sua rebelião (GIL, 1975, p.16, grifo nosso).

Ao cessar da guerra, inclusive por intervenção da rainha-mãe D. Beatriz em apaziguamento, se estabelece o armistício. Tendo o rei morrido em 28 de maio de 1357, o conde príncipe ascende ao trono e, após assumir o império, o então rei D. Pedro I persegue os três assassinos de D. Inês de Castro, a saber: Álvaro Gonçalves, Pero Coelho e Diogo Lopes Pacheco. Como se sabe, os dois primeiros estavam refugiados em Castela, mas por troca de presos políticos D. Pedro faz um tratado de extradição com D. Pedro de Castela para fazer a troca. Assim, foram capturados e executados, sendo-lhes extirpados os corações, um pelas costas, outro pelo peito e depois queimados, pelo que os gritos agonizantes dos assassinos foram, para o justiceiro D. Pedro, como um salmo aos ouvidos, uma trova à concretude de sua vingança. A execução se dava enquanto o desolado príncipe estava a comer um banquete, por isso a fama de “o cru” e/ou “o justiceiro”. Disfarçado, o terceiro conselheiro conseguiu fugir para França, de quem não se obteve notícias. Em decorrência, o corpo de D. Inês de Castro foi, por intervenção de D. Pedro, transladado de sua campa rasa no Mosteiro de Santa Clara-a-velha de Coimbra para o rico túmulo de calcário no Mosteiro de Alcobaça (1362), itinerário melhor descrito por Toledo (2008):

Do Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, para Alcobaça, numa extensão de 17 léguas, **o corpo de Inês foi transladado por entre círios acesos e acompanhado por fidalgos, donzelas e “muita clerezia”**. O corpo da amada baixou sepultura acompanhado de missa e de grande solenidade. E foi a mais honrada transladação que até aquele tempo em Portugal fora vista (TOLEDO, 2008, p. 123, grifo nosso).

Tamanha era a saudade sentida pelo desolado D. Pedro que, por não aceitar a maldição que estivera sujeito em razão da separação de sua adorável amante, seis anos depois de sua morte, a levanta da sepultura. Como último ato de ousadia e movido pelos

sentimentos simultâneos de saudade, vingança e heroísmo, impõe que a clerezia, os nobres da corte e demais portugueses sejam obrigados a demonstrar honras a D. Inês de Castro, a quem coroa rainha, os obrigando a prestarem solenidade de beija-mão em cortejo ao seu cadáver instalado no trono, sob a pena de morte a qualquer português contrário à ascensão da nova rainha de Portugal. Estes (im)prováveis cerimoniais de coração e beija-mão seriam enigmas nebulosos, não fossem já bem conhecidas as suas origens por obra da *imaginação* de poetas, conforme reafirmado por Gil (1975):

Antônio de Vasconcelos já nos explicou com esta fantasia da coroação e do beija-mão só apareceu muito mais tarde, em 1577, quando o escritor castelhano Fr. Jerônimo Bermudez **deu largas à imaginação**, para a exposição de cenas téticas [...]. As fantasias referidas entraram depois em Portugal pela mão do escritor ludo-filipista Manuel de Faria e Sousa (GIL, 1975, p.24, grifo meu).

Assim, antes de sua morte, o conde D. Pedro estabelece seu túmulo frente ao de sua amada, para que, ao soar das trombetas do juízo final, instante em que, ao ressuscitarem, se levantarão e olharão um para o outro, dando continuidade infinita e eterna ao amor que lhes tivera sido interrompido, conforme inscrito nas crônicas do túmulo de D. Pedro: “A:E:AFIN:DOMUDO” (Até ao fim do mundo). A romancista Ferreira (2006), pela voz da narradora D. Beatriz (mãe de D. Pedro), faz sua interpretação da escritura tumular:

Sim, era o seu derradeiro testamento. Ali estava ele, depois de tudo consumado, à espera do fim do mundo? A ressurreição final? Por que não? AQUI ESPERO AFIN DO MUNDO? Não. Mais do que isso. Ele pede, e pede a ela: ACOMPANHA-ME EM ATÉ A FIM DO MUNDO. É mais que um epitáfio. É um poema, um cantar que nem D. Diniz conseguiu compor. É a busca, o desejo de eternidade, do encontro final, no amplexo definitivo nos braços de Deus (FERREIRA, 2006, p. 120).

De mesmo modo, o escritor português João Aguiar, no romance *Inês de Portugal* (1999), frisara tal imprecação das palavras do príncipe: “roubaram-te de mim, Inês, mas não sabiam que assim mesmo te punham para sempre em mim. Para sempre, até ao fim do mundo” (AGUIAR, 1999, p. 39). Por sua vez, o escritor português António Candido Franco, no romance *A rainha morta e o rei saudade* (2003), disserta sobre essa esperança imaginativa de D. Pedro em ver sua rainha no futuro escatológico que o levará, segundo os ditames de sua religião cristã católica, a se encontrar com D. Inês de Castro na eternidade.

A morte, porém, não existia para Pedro. Morrer era tão-só dormir. Não pensava, por isso, na morte, mas no que faria quando dela acordasse.

Era um doido, mas um doido lúcido e heroico, que tinha um sonho para vencer a dor e o tempo. Acreditava teimosamente que não havia impossíveis e que, no fim do mundo, **os mortos iriam acordar para o Juízo Final** (FRANCO, 2003, p. 217, grifo meu).

Destarte, o mito dos trágicos amores de Pedro e Inês foi consagrado em romance de pedras tumulares em Alcobaça, pedras que edificaram um trono eterno, entronizando a audaciosa fidelidade de amor do príncipe à sua amante. Como se percebeu, os respectivos relatos estão, de forma imbricada, contidos nas narrativas históricas e míticas, isto é, algumas descrições apresentam comprovações verídicas e documentais, outros consistem em fabulação e devaneio imaginativo dos românicos poetas. Como se sabe, essa história de amor trágico remove toneladas de pedras espaço-temporais, cuja força e alcance imponente ultrapassou épocas e culturas, sendo reedificada nas múltiplas estéticas, inclusive contemporâneas.

Tornando-se o caso do amor lendário de D. Pedro por D. Inês de Castro um mito imorredouro e agregando-se ao sentimento e à memória dos portugueses do século XIV, foi necessário/possível, no decorrer de seis séculos, nutrir a memória cultural e sentimental da nação portuguesa a partir da recriação fabulativa do episódio trágico por obra da *imaginação* dos poetas medievais. Assim, os novos dizeres do Mito de Inês de Castro, principalmente através da literatura, são produtos da reverberação imponente e frenética das destrezas ficcionais e criativas, visto que a criatividade protagonizou o rompimento com as categorias históricas e documentais, portanto, ampliando o fato histórico na congregação de elementos da fábula, constituindo o mito.

Assim, Inês de Castro tem permanência simbólica enquanto rainha atemporal, que foi entronizada no imaginário português, cuja presença suntuosa e solene preenche as fissuras e lacunas do enredo histórico, alcançando a esfera mítica. Deste modo, tal enredo torna-se suscetível a comparações com narrativas ficcionais, a exemplo da literatura fantástica e outros gêneros da fantasia. É a partir desse entendimento que é possível considerar a *imaginação* como potencial capaz de impetrar o mito inesiano. A crítica literária Emília Toledo (2008, p. 123-124) afirma que “esse episódio tanto romântico como trágico da História de Portugal, envolvendo D. Pedro e Dona Inês de Castro inspirou poetas e dramaturgos, que a partir de então, o imortalizaram”, chegando ao ponto de se canonizar no repertório artístico e cultural dos portugueses da idade média, tendo em vista a influência e o papel que exerciam as obras na constituição e difusão da tradição artístico-cultural nacional portuguesa.

Neste sentido, aguisa de síntese, no contexto das criações literárias imaginativas inspiradas nos dizeres do Mito de Inês de Castro em Portugal, podem ser destacadas algumas obras consideradas canônicas com relação à sua justa posição enquanto produtos de procedimentos fatídicos e fantasiosos, cujos processos hibridamente imaginativos ampliaram e transformaram a narrativa histórica, fazendo-se, portanto, a fusão entre fato e fábula. À vista disso, em sua primeira vez, o episódio inesiano foi contado pelo cronista português Fernão Lopes (1380-1460), em *Chronica de El-rei Dom Pedro I* (1440 e 1450), o qual conta a história em contemporaneidade à escola literária denominada de *Humanismo* (1418-1527). Enquanto literatura imaginativa, no seu sentido mais poético, a aparição da história se deu, também como fato inaugural, nas *Trovas à Morte de Inês de Castro*, de Garcia de Resende (1470?-1536), no *Cancioneiro Geral de 1516*, período em que se acendia o *Classicismo* (1527-1580). Na dramaturgia, por sua vez, a tragédia *A Castro* (1587) foi a primeira tragédia clássica portuguesa, de António Ferreira (1528 – 1569). Inês de Castro também aparece no contexto da epopeia classicista no poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões (1524?-1580), com o episódio da *Linda Inês* nas estrofes 120 a 135 do Canto III. No *Arcadismo* (1756-1825), o poeta português Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805), inspirado em Camões, dedicou-lhe a cantata *À morte de Inês de Castro* (1791). O neoclassicista João Batista Gomes Júnior (1775?-1803) é o autor da tragédia *A Nova Castro* (1857). Na contemporaneidade, a escritora Agustina Bessa-Luís retomou a história de Inês no romance *Adivinhas de Pedro e Inês* (1983). Essas e outras tantas obras ilustram a trajetória do mito de Inês de Castro sendo atualizado durante tempos e espaços, pelo que se identifica a *imaginação* como potencial mantenedor da mitologia através dos artefatos estéticos lapidados pela criatividade dos poetas.

A partir da acepção do crítico Haquira Hosakabe (1998), é possível inferir que esses procedimentos imaginativos transsubstanciaram a matéria histórica em matéria mítica. Desta feita, em decorrência da poetização do fato trágico, a produção mimética nutriu imaginários e memórias exponencialmente além das fronteiras de Portugal. Portanto, sua condição histórica e biográfica se eleva genuinamente à condição mítica por obra do sentimento que sua morte tivera causado ao príncipe D. Pedro, visto que “consagrá-la rainha correspondeu à unção (e criação) definitiva de Portugal como reino do Amor e do sentimento que permite eternizá-lo: a saudade” (HOSAKABE, 1998, p.110). A proposição de Hosakabe é categórica quando propõe que, pela fecundação de

um reino que, oriundo do sentimento de ausência, criou, pela *imaginação* do mito, a presença definitiva de sua rainha, isto é, a Inês de Castro que surge da saudade, é eterna.

3. Imaginando o mito inesiano no século XXI

Sonho às vezes contigo nesse tempo futuro, não sei se são as drogas que eles me injetam que me fazem viajar na **imaginação**, na memória-ao-contrário, se, simplesmente, a **intemporalidade** da nossa paixão nos dá o dom da **ubiquidade** através de todas as eras, ou se vítimas de uma maldição, nos cabe a nós representar o homem eterno, a mulher eterna, renovando perenemente a mesma história singela e consabida de sujeição, amor, e morte antecipada (FARIA, 2001, p. 17, grifo nosso).

Rosa Lobato de Faria, em seu romance *A trança de Inês* (2001), sugere-nos a possibilidade de leitura da história de Inês de Castro no intercruzamento dos tempos passado, presente e futuro, cuja intemporalidade imaginária dilata a história e constrói novas interfaces para sua compreensão por plenos (des)caminhos do devaneio.

Assim sendo, o século XXI se constitui enquanto dimensão temporal agregada à eternidade temporal do mito, pelo que o vivenciamos nas suas múltiplas possibilidades semânticas, bem como na transcrição e interpretação do episódio, no devaneio imaginativo, na viagem entorpecente dos sentimentos não só do desolado D. Pedro, mas de uma nação condoída pela sujeição à morte e ao amor, propostos a partir da leitura da trágica história.

Expandindo-se para além das fronteiras portuguesas e chegando a outras comunidades lusófonas, como a brasileira, como também a diversos países europeus, o mito do comovente amor de Pedro e Inês de Castro ainda hoje reverbera intercultural e intemporalmente através do provérbio “Agora é tarde, Inês é morta”, pelo que foi observado seu uso corriqueiro na oralidade de brasileiros, em particular, por nordestinos, os quais, segundo Brito (2006), (re)inventaram imaginativamente o mito de Inês de Castro nas façanhas de seu cotidiano, constatando que a mitologia inesiana além de ser concebida como herança, reverbera com retumbância para além de seu país de origem, ultrapassando o tempo e o espaço, alcançando o imaginário do Nordeste brasileiro contemporâneo, tornando-se, portanto, mais que um provérbio popular.

Portanto, para além de um provérbio popular, em se tratando da contemporaneidade luso-brasileira, a figura de D. Inês de Castro se atualiza pelas demandas espaço-temporais do século XXI, no qual podemos vislumbrar uma crescente (r)evolução das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). E partindo de uma necessidade de atualização e *imaginação* da história, se verifica a relevância de

reinventar imaginativamente o mito apoiado pelos recursos tecnológicos inovadores disponíveis no tempo presente. Desta feita, Inês de Castro atravessa tempos, espaços, culturas, mídias e linguagens, frente a uma geração digitalizada. Assim, é possível considerar que poetas da contemporaneidade, em particular internautas e usuários de plataformas digitais e jogos eletrônicos, são protagonistas de novos procedimentos criativos e imaginativos de transcrição de um episódio mítico nascido historicamente no século XIV.

Isso implica dizer que a imaginação opera através de novos empreendimentos de uma geração interativa e conectada, visto que o mito dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro passa a ser recontado por poetas imaginosos munidos de novos recursos tecnológicos de leitura e escrita – às vezes gamificados –, e de uma ciberliteratura, os quais podem continuamente mimetizar a história, não só como fizeram poetas medievais, mas também podendo refletir e redefinir os próprios procedimentos do fazer poético neste ciberespaço, como apontado por Lúcia Santaella (2012). Tais poetas são, como seus antecessores, agentes ainda mais livres para criar novas histórias, elaborar novas interpretações alternativas e mudar o seu mundo pelos novos sentidos atribuídos às vivências do cotidiano, dado que as narrativas míticas além de continuarem exercendo a influência concernente à vida na sua compreensão holística e estrutural, passam a considerar as potencialidades de novos modelos de relacionamento, de novos modelos de comunicação, de novas mídias em convivência com a literatura impressa e de novos processos de leitura e de produção textual e hipertextual multimodal.

Como exemplo relevante de um movimento imaginativo advindo dessas novas possibilidades de (re)construção de mitos, e do respeito à sempre renovada influência da literatura no fazer da história e na história do fazer social, destaca-se a abordagem inovadora desenvolvida por Valéria Andrade e Marcelo A. de Barros (2017), que traz a ousadia de criar uma incubadora de uma nova classe de poetas (re)construtores de mitos: o Método e Plataforma LerAtos⁶. Trata-se de uma forma de inteligência social do século XXI para a transcrição imaginativa, apoiada e inspirada por uma mecânica constituída de uma combinação de recursos tecnológicos, de uma abordagem de gamificação em realidade alternada e de uma escola de empreendedorismo social para alimentar a

⁶ A abordagem LerAtos foi desenvolvida conjuntamente pela Professora Doutora Valéria Andrade, da Unidade Acadêmica de Educação do Campo, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande e pelo Professor Doutor Marcelo Alves de Barros, da Unidade Acadêmica de Sistemas e Computação, do Centro de Engenharia Elétrica e Informática, da mesma universidade.

possibilidade de (re)inventar mitos. De um lado o LerAtos explora o poder envolvente e atrativo das novas tecnologias digitais, nas suas diversas modalidades, a exemplo do uso de aplicativos/jogos para dispositivos móveis, uso de plataformas digitais e redes sociais, tomadas como espaço hipermediático de interação entre poetas/usuários imaginosos. Por outro lado, inova criando experiências em que inventores do mito empreendem em seus ambientes e espaços de interlocução cultural e vivência cotidiana, afim de promover, de forma efetiva, uma transformação coletiva e individual. O processo criativo de poetas é inspirado e potencializado como um empreendimento cultural, e é estimulado pelo uso de princípios de jogos sérios de realidade alternada, nos quais os participantes realizam uma parte das missões inventivas de construção de obras e comunidades leitoras ubíquas em mundos virtuais e outra parte nas comunidades onde vivem experiências de interação presencial (BARROS et al., 2018). Uma vez que a contemporaneidade das transformações sociais, tanto as positivas quanto as negativas, demanda a inovação também na motivação do ato de reinventar os mitos, essa abordagem inaugura outra inovação em seu processo mimético aplicado ao mito inesiano por meio do jogo *Inês & Nós* (ANDRADE et al., 2019). Sem deixar de explorar o valor dos elementos trágicos do mito inesiano para o fortalecimento das subjetividades e protagonismo de poetas leitores e autores, sobretudo quanto aos aspectos das relações de gênero contemporâneas, esta abordagem privilegia a (re)significação e o desenvolvimento dos poderes simbólicos e históricos do amor infinito convertido em atos heroicos para que estes sejam a principal potência da inovação literária e atuem como os principais componentes catalizadores do (re)inventar do mito inesiano. Para isso baseia seus recursos lúdicos e estratégias de promoção da autoria de reinvenções do mito inesiano em um modelo de empreendedorismo híbrido, combatente e amoroso, sobretudo útil para construir utopias em contraponto às distopias do ser-mulher e ser-homem, no passado, no presente e no futuro, nas relações amorosas e na sociedade como um todo, começando por reinventar o provérbio popular: no jogo *Inês & Nós* o provérbio é “Agora é tempo, Inês é viva!”.

Não por acaso, tem-se desenvolvido em Portugal e no Brasil, a partir dos estudos de Valéria Andrade (2019), por meio de uma aplicação do LerAtos, o jogo sério em realidade alternada *Inês & Nós*⁷, mediante o qual vem se formando o que a pesquisadora designa como uma *Comunidade Ubíqua de Leitores* ativos de obras multimodais que

⁷*Inês & Nós: Ler e dizer o Amor de Pedro e Inês no século XXI em salas de aula de Portugal e do Brasil*, foi o projeto inscrito no pós-doutoramento da Professora Dra. Valéria Andrade (UAEDUC/UFCG-PPGLI/UEPB), vinculado a Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Portugal.

tematizam a história do amor de Pedro e Inês de Castro. Esses experimentos têm sido realizados de maneira articulada juntamente a discentes e docentes da educação básica em Portugal e no Brasil, e promovendo interações criativas do público leitor infanto-juvenil com o mito inesiano nos dois países. Em diálogo com o estudo de Andrade (2019), a pesquisa de mestrado, desenvolvida junto ao PPGLI/UEPB, sob o título *Inês & Nós: uma aplicação do método LerAtos na formação de uma Comunidade Ativa de Professores Leitores pela mediação do mito de Inês de Castro*, alia-se à sua proposta de construção de uma comunidade ubíqua e ativa de leitores do mito inesiano, diversificando-a para o contexto específico da formação docente. Além disso, a interlocução cultural efetiva e proficiente nestes dois espaços da lusofonia e entre eles, contribui para a prevenção precoce da violência de gênero, mediante a sensibilização e a conscientização de crianças e adolescentes desde a idade escolar em relação à equidade de gênero e os direitos humanos, em particular os direitos das mulheres, violados seja na história de Pedro e Inês, seja nas vivências sociais da contemporaneidade, em outros formatos, porém igualmente nocivos e passíveis de resultar em consequências letais, como acontece nos feminicídios.

Os experimentos são protótipos de empreendimentos incubados e amparados pelas propostas dos novos multiletramentos, pelo que se concerne em perspectiva intercultural, na forma de textos híbridos/multimodais, os quais não só congregam várias linguagens, mas também múltiplas semânticas culturais, isto é, massiva, popular, erudita, periférica etc. Neste sentido, Rojo e Moura (2019) acrescentam que textos de natureza híbrida não contêm apenas signos escritos, uma vez que todas as modalidades de linguagem ou semiose os invadem e com eles se mesclam sem a menor cerimônia. Portanto, os procedimentos formativos a partir do multiletramento pressupõem cooperatividade e interatividade simultânea e ubíqua por meio dos mecanismos de interlocução promovidos pela metodologia LerAtos, cuja abordagem agrega recursos da educação tutorial (SABARIZ, 2014; BORGES, 2015), gamificação (MCGONIGAL, 2011 e 2005) e leitura performática (KEFALÁS, 2014 e 2018; GOMES e REIS, 2017), a fim de transcriar mundos utópicos simbólicos que transcendam a figura do feminino nas realidades alternadas entre real e virtual, na transformação individual e coletiva de comunidades (ANDRADE, 2019).

Com esta perspectiva, imaginar o mito de Inês de Castro no século XXI é olhar reflexivamente para a conjuntura sociocultural que problematiza a figura feminina nas esferas familiar, política, profissional, artística etc.; é, portanto, refletir sobre a autonomia feminina frente às sociedades patriarcais que subjagam o feminino e expressam seu

preconceito, seu ódio e medo, pelo que as mulheres representam tais sentimentos face ao masculino em determinados contextos. Além disso, é promover a sensibilização e conscientização relativamente à violência contra a mulher, permitindo-se reviver, por meio da memória simbólica, uma tragédia medieval ainda presente não só no cotidiano luso-brasileiro contemporâneo, cujos índices de violência em suas várias formas são alarmantes, mas também em muitos outros países do Ocidente. Segundo dados da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), concernente ao ano de 2018, exatamente 24 mulheres foram vítimas de feminicídio em Portugal. A situação é ainda mais alarmante no Brasil, visto que é o 5º país em maior índice de feminicídio no mundo. Sabe-se que o feminicídio é apenas a ponta do iceberg da violência masculina/machista contra a mulher, estando outras violências ainda imersas e invisibilizadas da sociedade, a exemplo das violências física e psicológica, patrimonial, moral e sexual, tais como assédio e estupro.

Portanto, imaginar o mito de Inês de Castro em tempos em que se luta contra a hegemonia patriarcal com suas finalidades de manutenção dos poderes social, político, econômico etc., é ousar, é ir contra a história patrilinear, promovendo, pelo poder do sentimento amoroso e solidário e de práticas de respeito e cuidado de si e do outro, espelhados no amor infinito de Pedro e Inês, caminhos baseados na equidade de gênero para recriação das histórias das mulheres, dando visibilidade ao feminino que foi silenciado e impedido de ser, de ter e de viver suas histórias com pleno protagonismo. Além disso, crianças, jovens e demais atores sociais, movidos por novos significados do amor infinito de Pedro e Inês, podem construir novos efeitos de sentido em novas histórias nas quais seja narrado o exercício da alteridade, da compaixão pelo outro, da equidade de gênero.

4. Memórias de Futuro: o reino da ponte

Diante da posição do Mito de Inês de Castro no corpus representativo e estético da literatura, dos suportes digitais e outras mídias e linguagens, considera-se que, através da *imaginação*, a narrativa criativa consagrou o potencial simbólico significativo na representação da cultura portuguesa da era medieval, em ascensão do sentimento e da memória da nação. É com base nisso que Lilian Jacoto (2008) considera que, perante o imaginário formado pela tragédia de uma figura feminina emblemática, o fator de reconhecimento por parte do povo português justifica a ascensão de Inês de Castro para

além de uma figura histórica do tempo e espaço, tornando-se figura mítica na esfera lendária.

Por fim, pretendeu-se aqui um entendimento da *imaginação* para além de uma faculdade intelectual ou característica inerente ao humano, sendo, portanto, uma força criativa de poeta, *poietés*, alguém capaz de mimetizar criativamente fatos, memórias, dizeres, ideias etc. Essas considerações, portanto, colaboram com a afirmação de que, por meio da *imaginação*, por especial protagonismo de poetas imaginosos (pintores, romancistas, trovadores, cronistas, músicos etc.), uma nação foi capaz de elevar a tão alto grau uma personagem feminina de sua história a ponto de eternizá-la também como mito, e em resposta, o mito passa a ser um símbolo, ou seja, um signo de representação de tal nação. Até aos dias de hoje, Portugal é lembrado como o reino do Amor e da Saudade. Mas, é chegado o tempo em que, elevando esse percurso híbrido, histórico e mítico, impulsionador do poder da literatura para melhorar o mundo, para um outro patamar, o Brasil, em parceria com Portugal, começa a construir um legado de poetas empreendedores sociais reinventores do mito inesiano. Quiçá o Brasil, por causa do *Inês&Nós*, comece a ser lembrado como reino da Ponte.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, João. **Inês de Portugal**. 5. ed. Porto: Asa, 1999. (Coleção Pequenos Prazeres).
- ANDRADE, Valéria. **Inês & Nós: ler e dizer o amor de Pedro e Inês no século XXI em salas de aula de Portugal e do Brasil**. Relatório Final. (Estágio de Pós-Doutoramento em Estudos sobre a Utopia) – Advanced Research in Utopian Studies Postdoc, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2019.
- ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo A. Leratos: jogos sérios de leitura performática em realidade alternada para engajar população e escolas em desafios sociais. In: Lourdes Kaminki Alves; Célia Arns de Miranda (Orgs.) **Teatro e ensino I** – Estratégias de leitura do texto dramático. São Carlos: Pedro & João, 2017. p. 107-127.
- BARROS, Marcelo A; ANDRADE, Valéria; MOURA, J. Antônio B.; BORGMANN, Laurent; TERTON, Uwe; VIEIRA, Fátima; COSTA, Gabriel Cintra Alvesda; ARAÚJO, Rafaela L.; ARRUDA, Aline O.; NAVINER, Sophie; SILVA, Jobson. **ReadAct** – Alternate Reality, Serious Games for Reading-Acting to Engage Population and Schools on Social Challenges. In: 10ª Internacional Conference on Computer Supported Education. – Vol. 2: CSEDU, 238-245, Funchal, Madeira – Portugal, 2018.
- BESSA-LUÍS, Agustina. **Adivinhas de Pedro e Inês**. Reimp. Lisboa: Guimarães, 1983.
- BORGES, Maria C. de A. Regulation of Brazilian higher education: the Technological Innovation Act and the Public-Private Partnership Act. **Educ. Pesqui.**, v. 41, n. 4, São Paulo, out./dez. 2015.

- BRITO, Terezinha Maria. **A (re)invenção de Inês de Castro no imaginário nordestino**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2006.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Série bom livro – Poesia. Apresentação, seleção e notas Carlos Felipe Moisés. 10. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 5. ed., corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.
- CORRÊA, Carlos Pinto. Imaginação e Criatividade: uma introdução ao tema da criação e psicanálise. **Cogito**, v. 2, p. 11-17, 2000. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792000000100002. Acessado em: 04 de Junho de 2020.
- FARIA, Rosa Lobato. **A trança de Inês**. Lisboa: Asa, 2001.
- FERREIRA, Seomara da Veiga. **Inês de Castro: a estalagem dos assombros**. Lisboa: Presença, 2006.
- FONSECA, Gondin. **Inês de Castro (1310?-1355)**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- FRANCO, António Cândido. **A rainha morta e o rei saudade**. 2. ed. Lisboa: Ésquilo, 2003.
- FRANCO JÚNIOR, Hilario. História, Literatura e Imaginário: um jogo especular. O exemplo medieval da Cocanha. In: IANNONE, Carlos A; GOBI, Márcia V. Z; JUNQUEIRA, Renata S (Orgs). **Sobre as Naus da Iniciação: estudos portugueses de Literatura e História**. São Paulo: FUNESP, 1998. p.105-117.
- GIL, A. Pedro. **Os grandes julgamentos da história: o processo de D. Inês de Castro**. Lisboa: Otto Pierre, 1975.
- GOMES, André L.; REIS, Maria da Glória M. dos Reis. Quartas Dramáticas: uma experiência com a encenação da literatura. In: Lourdes Kaminki Alves; Célia Arns de Miranda (Orgs.) **Teatro e ensino I – Estratégias de leitura do texto dramático**. São Carlos: Pedro & João, 2017. p. 41-55.
- HOSAKABE, Haquira. A pátria de Inês de Castro. In: IANNONE, Carlos A; GOBI, Márcia V. Z; JUNQUEIRA, Renata S (Orgs). **Sobre as Naus da Iniciação: estudos portugueses de Literatura e História**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p.105-117.
- JACOTO, Lilian. A paixão de Pedro e Inês: o clássico e o surreal. In: MEGIANI, Ana Paula Torres; SAMPAIO, Jorge Pereira de (Orgs.). **Inês de Castro: a época e a memória**. São Paulo: Alameda, 2008. p.171-184.
- KEFALÁS, Eliana Oliveira. O Jogo do Texto no corpo que lê: leitura e dança na formação do leitor literário. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (Org.). **Memórias da Borborema 4: a literatura e seu ensino**. Campina Grande: Abralic, 2014. p. 93-111.
- KEFALÁS, Eliana Oliveira. O jogo do texto no ensino de literatura: por uma metodologia performativa. In: Carvalho, Aluska Silva et al. (Orgs.). **Literatura e outras artes: interfaces, reflexões e diálogos com ensino**. Campina Grande: EDUFCEG, 2018. p. 241-262.
- McGONIGAL, Jane. **Reality Is Broken. Why Games Make Us Better and How They Can Change the World**. Penguin Press HC, 2011.

ROJO, Roxane H. R.; MOURA, Eduardo. **Letramento, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Para compreender a ciberliteratura**. Revista Texto Digital. v. 8, n. 2, UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. 2012.

SABARIZ, Antonio L. R. **O Programa de Educação Tutorial e a Formação do Engenheiro Inovador**. Congresso Brasileiro de Engenharia, Gramado, RS. Set./2014.

SOMBRA, Fábio. **A história de Inês de Castro ou dama lourinha que, depois de morta, virou rainha**. Ilustrações de Fábio Sombra. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

TOLEDO, Maria Emilia Miranda de. Razões de Estado x Razões de Amor na tragédia Castro, de Antônio Ferreira. In: MEGIANI, Ana Paula Torres; SAMPAIO, Jorge Pereira de (Orgs.). **Inês de Castro: a época e a memória**. São Paulo: Alameda, 2008. p.117-138.